



FERRAREZI JR., Celso. **Qual é o problema das gramáticas normativas?** - 1ª edição. Santos, SP: Artefato Cultural, 2012.

### **O USO DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, POR CELSO FERRAREZI JR., EM QUAL É O PROBLEMA DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS?**

Alexia Ferreira Rodrigues de França Antunes<sup>1</sup>  
*Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG*  
(alexiaferreirafranca@gmail.com)  
*Apoio SESU/MEC - Programa de Educação Tutorial*

No livro *Qual é o problema das gramáticas normativas?*, disserta-se sobre como as gramáticas normativas apresentam-se no currículo escolar e na formação de conceitos a respeito da língua, como por exemplo, ser separada da cultura, ou do português brasileiro coloquial ser habituado como algo vergonhoso. No entanto, esses conceitos são esclarecidos apontando outras maneiras de se pensar “língua”. Ademais, o livro foi desenvolvido para professores de português brasileiro do Ensino Básico, como deixa claro o autor, e também para aqueles que cursam Licenciatura em Letras.

O livro foi escrito por Celso Ferrarezi Junior, professor doutor na área de Letras - Semântica e Ensino de Língua Materna, titular da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL - MG) e autor de várias obras e artigos na área, tais como *A Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários; Pedagogia do Silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna; Gramática do Brasileiro - Uma nova forma de entender a nossa língua*; dentre outros, de acordo com o seu currículo *Lattes*.

Tendo em vista a vasta produção e experiência do professor Ferrarezi, nesse livro, em seu tema geral, ele ressaltará de que forma a língua do PB<sup>2</sup> é vista nas gramáticas normativas e em como isso afeta o ensino de língua materna, como se dá o seu funcionamento, como estão traçados os conceitos. Exemplificando o exposto, o autor argumenta com uma gramática normativa de Napoleão Mendes de Almeida, que o PB já é concedido como uma deturpação do latim, além de carregar conceitos que mais obstaculizam o ensino dessa língua do que, de fato, o desenvolve. O livro divide-se em 8 (oito) partes: “Nossa língua não é feia!”; “Língua não é código e nem existe sem uma cultura”; “É preciso ter critérios nos critérios”; “Uma categoria gramatical não é uma lista”; “A evolução da língua e a consciência

---

<sup>1</sup> É graduanda em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL/MG. Atua como bolsista pelo Programa de Educação Tutorial/PET - Conexões de Saberes - Letras desde o segundo semestre de 2018.

<sup>2</sup> PB: português brasileiro.



do falante interessam sim!"; "O brasileiro não é o latim"; Chega de tantas contradições!" e "O problema também está em nós".

No primeiro contato com o que é apresentado pelo autor, identifica-se a importância da elucidação de que o PB não é uma língua feia e que nenhum falante se comunica erroneamente, uma vez que brasileiro sabe se comunicar com sua língua materna sim, sem a necessidade de regras ortográficas e gramaticais, inclusive, Ferrarezi Jr. dialoga com João Domingues Maia e sua *Gramática: teoria e exercícios*, explicitando "o 'uso correto do idioma'? - viu só? Se existe um 'uso correto', existe um 'uso errado'. E esse uso 'errado' não tem nada a ver com sua capacidade de se comunicar bem [...] tem a ver com uma 'forma', com um certo 'estilo' [...]", ou seja, ele deixa claro que o PB que se fala é diferente do escrito. O falar se relaciona diretamente a diferentes níveis sociais, à situação regional e à cultura de forma geral.

Ferrarezi pontua, de maneira bem acessível, o impasse que envolve aluno-professor-escola, em que, muitas vezes, o aluno desenvolve desinteresse nas aulas, pois o desagrada sentir que seu "falar" é errado ou vulgar. Assim, ele otimiza incentivando o professor a mostrar a diversidade subsistente e auxiliar na autoestima de seus alunos, o que, de fato, pode melhorar as relações envolvidas, diminuir futuros preconceitos e fazer com que os alunos se sintam no "lugar certo" dentro da sala de aula. Diante disso, faz-se uma referência ao que Mário A. Perini já havia citado em seu livro *Gramática do português brasileiro*:

[...] um povo que não estuda — na verdade, às vezes se recusa a estudar — a língua que fala. Um povo, na verdade, que tende a negar a existência dessa língua, como quando se diz que a frase *me dá um quibe aí* "não existe". Já passou da hora em que devíamos abrir os olhos para a nossa realidade linguística [...]. (PERINI, 2010, p.20)

O autor evidencia em seu livro que a língua não poderia se tratar de um código como é expresso nas gramáticas normativas, já que ela é passível de mudanças ao passar dos anos, ou seja, ele esclarece que o que se fala diz muito sobre a intenção do falante, em como o ouvinte/leitor irá receber, até sobre quem somos e nossas ações no mundo de forma geral. Ademais, o autor expõe a relevância da cultura de um país para sua determinada língua materna, o que é tratado de forma esclarecedora no livro em "[...] a língua é um 'produto coletivo' que cada um de nós ajuda a constituir, ao mesmo passo em que se constitui no momento em que a usamos.". Assim, a língua faz parte integralmente de nossas ações sociais, e é dentro destas que a língua se desenvolverá também, o que soa, de certa forma, poético.

Passando para o capítulo 3 do livro, que é dedicado às estruturas e conceitos que são tidos nas gramáticas normativas e como são ensinadas no ambiente escolar, por meio dos critérios de análise, termo usado por Ferrarezi, o qual afirma que os alunos em vez de aprenderem como a língua funciona em sua totalidade pelos aspectos da fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, etc., eles aprendem por meio de referências, por meio de objetos, motivos, relações, entre outros aspectos, tornando-se capazes de buscar sentido no mundo externo para



compreender uma frase, por exemplo “João quebrou o vaso. Dessa forma, se a criança responde que “João” é o “sujeito”, muito provável que isso ocorra por critério de referenciação, como sinaliza o autor. Interessante relacionar essa questão ao que Frank Smith (1989) diz, em seu texto *A teoria do mundo em nossas cabeças*, que dialoga sobre como aprendemos a significar as coisas ao nosso redor, não se tratando do que são de fato ou explicando o que são essas coisas, mas sim pelas referências que nós criamos sobre tudo que conhecemos, sendo natural para nós objetos que conhecemos, sinais, expressões que utilizamos, entre outros aspectos.

À vista disso, Ferrarezi Jr. relata tais informações de forma descontraída e com exímios exemplos que esclarecem os equívocos - e inutilidades, por assim dizer - presentes em várias gramáticas, e deixa registrado o essencial “[...] é preciso ter mais critérios com os critérios que a gente adota [...]”, sendo assim, o autor mostra ao professor a importância de não deixar se levar pelos critérios gramaticais confusos e que o mesmo estabeleça uma ponte com a morfologia e não com fenômenos linguísticos passíveis de mudanças e de opiniões subjetivas.

É interessante a leitura dos dois próximos capítulos, os quais trazem a noção das falhas listas, como por exemplo as listas de conjugação verbal que são ensinadas diariamente nas escolas brasileiras, o que é possível encontrar nas gramáticas normativas. No decorrer, observa-se uma certa repetição de alguns termos e parte do conteúdo apresentado pelo autor, entretanto, não afeta a leitura e, aparentemente, serve como um alicerce para a fixação do que está sendo ensinado, trazendo bons apontamentos que reforçam os capítulos, como é conceituado por Ferrarezi:

a gente acredita que a gramática é formada por listas imutáveis de coisas: quem decora as listas, sabe a gramática. Só que não é nada disso! Nem com as pobrezinhas das desinências, que dirá com as palavras formadas. (FERRAREZI, 2012, p.57)

Trata-se, na realidade, da categoria gramatical da palavra e como ela funcionará no contexto indicado pelo falante.

É de grande destaque também o capítulo 6, que pauta sobre o PB não ser filho, nem primo do latim. Ferrarezi Jr. Esclarece que no PB não há declinações morfológicas em cada caso sintático, nem sintaxe com ordenações flexíveis, nem três gêneros, entre outras diferenças que existem, sim, no latim. Então, concordando com o autor, o PB é uma língua tão rica, erudita e bela quanto o latim, ou outras línguas, pois todas têm suas particularidades e sua excelência. Além do mais, enfatizar o PB como uma língua vulgar, com seus *brasileirismos*, vícios de linguagem ou até mesmo as gírias, é nada mais, nada menos, do que alimentar nosso preconceito linguístico. Diante do exposto, o autor trata disso com mais afã no decorrer de seu livro “Com esse tipo de ensino, o que os alunos aprendem é chegar em casa e corrigir a fala dos pais, rir dos vizinhos, usar o pretense ‘padrão culto’ da escola para espezinhar pessoas”.

Nos últimos capítulos, Ferrarezi deixa suas considerações finais, discorre sobre flexões de gênero e número, seus funcionamentos, derivação, flexão dos



verbos, flexão de voz, entre outros. Ademais, esclarece tranquilamente que uma única palavra pode exercer uma única função por vez, em cada frase. É bom frisar, também, que somos nós, professores ou futuros professores, que temos que estar atentos à maneira mais sensata e consciente possível para lidar com uma gramática do PB. Ferrarezi deixa claro tais aspectos no parágrafo:

Nossos livros didáticos vêm com suas belas capas marcadas em vermelho com a afirmação de que estão 'de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais', quando ainda estão cheios até o gargalo de gramática normativa, inclusive os livros dos cinco anos iniciais, quando toda atenção deveria estar voltada para as quatro habilidades básicas da comunicação! (FERRAREZI, 2012, p.85)

Sendo assim, é importante ser um profissional crítico, o qual questiona seus materiais de trabalho e as tradicionais gramáticas normativas do português, basicamente, é o que *roga* o autor do livro.

Em suma, o livro *Qual é o problema das gramáticas normativas?* é de fácil compreensão e revela uma prazerosa leitura, deixando bons questionamentos com relação ao uso das gramáticas normativas dentro da sala de aula, em como se deve ser pensado e estudado o ensino de língua materna e apresenta vários exemplos que podem salvar momentos de dúvida em situações de aprender e ensinar o PB. Para mais, é interessante a leitura do livro *Gramática do Brasileiro* de Celso Ferrarezi Jr. e Lara Maria Teles para maior aprofundamento e aproveitamento de uma visão funcionalista da gramática.

## Referências

FERRAREZI JR., Celso. **Qual é o problema das gramáticas normativas?** - 1ª edição. Santos, SP: Artefato Cultural, 2012.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Recebido em: 17/07/2020

Aceito em: 06/08/2020